



## **A CONDUTA PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM PARA COM ALUNOS SURDOS**

Jéssica Gomes Lobo<sup>1</sup>  
Vânia da Silva Araújo<sup>2</sup>  
Camila de Oliveira Barbosa<sup>3</sup>  
Maria da Conceição Augusta<sup>4</sup>  
Rosilene Félix Mamedes<sup>5</sup>

### **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo o de verificar a conduta profissional do professor de Língua Inglesa no processo de ensino aprendizagem para com os alunos surdos, no que diz respeito à integração deles na aprendizagem dessa disciplina. Trata-se de uma pesquisa do tipo estudo de caso único, realizada na Escola Estadual Lyceu Paraibano, na cidade de João Pessoa (PB), com uma professora que leciona inglês para alunos surdos, no 1º ano do Ensino Médio e que aceitou participar do estudo. O aporte teórico desta pesquisa fundamentou-se na Declaração de Salamanca, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira e em autores da literatura pertinente ao tema, como Vygotsky, Bueno, entre outros. A coleta de dados ocorreu em uma sala de aula da referida Escola, sendo observadas um total de dez aulas, ministradas pela participante do estudo, e as informações obtidas registradas em um diário de campo. Os resultados mostraram que a escola analisada não oferece condições para que o ensino da língua estrangeira para alunos surdos atenda o que foi estabelecido pela Declaração de Salamanca e que o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo, conduzido pela participante do estudo, apresentou lacunas. Concluiu-se que a escola necessita adequar-se às exigências da referida Declaração e que os professores possam se qualificar, se aperfeiçoando na LIBRAS, de modo a estarem habilitados para lecionar a língua estrangeira a alunos surdos e a conduzirem o processo ensino aprendizagem de forma satisfatória, numa proposta de inclusão social.

**Palavras-chave:** Professor de Inglês, Escola Inclusiva, Alunos Surdos

### **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Letras em habilitação em Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [jgomeslobo@gmail.com](mailto:jgomeslobo@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [vaniajuara@hotmail.com](mailto:vaniajuara@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA, [camilaoliveira07@gmail.com](mailto:camilaoliveira07@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduada do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [maryyaugusta@hotmail.com](mailto:maryyaugusta@hotmail.com);

<sup>5</sup> Professor orientador: Doutoranda em Letras – PPGL/CNPQ, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [rosilenefmamedes@gmail.com](mailto:rosilenefmamedes@gmail.com).



Diante das mudanças ocorridas nas últimas décadas na sociedade brasileira, percebemos uma notável preocupação em atender as pessoas com necessidades especiais. Assim, projetos sociais de conscientização foram criados para mobilizar a população e inserir os sujeitos com alguma limitação física no meio social. A nível local, um dos projetos desenvolvidos é o Setembro Azul, em Belo Horizonte (MG), que tem como objetivo o de promover a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e divulgar a cultura surda.

O objetivo de garantir a educação para todos motivou a elaboração da Declaração de Salamanca (1994) que incentiva o desenvolvimento de um sistema educacional voltado para alunos com necessidades especiais. Isto é, uma escola que tem como característica primordial promover a interação dos alunos surdos com os demais sujeitos inseridos no contexto escolar. De acordo com esse documento, fica estabelecido um compromisso mundial que visa à garantia de uma educação igualitária a todos os alunos inseridos na escola, como verificamos a seguir,

Nós, delegados à Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, representando noventa e dois países e vinte e cinco organizações internacionais, reunidos aqui em Salamanca, Espanha, de 7 a 10 de Junho de 1994, reafirmamos, por este meio, o nosso compromisso em prol da Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e a urgência de garantir a educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educativas especiais no quadro do sistema regular de educação, e sancionamos, também por este meio, o Enquadramento da Ação na área das Necessidades Educativas Especiais, de modo a que os governos e as organizações sejam guiados pelo espírito das suas propostas e recomendações. (UNESCO, 1994, p.8)

No que diz respeito ao aluno surdo, sabemos que sua aprendizagem se desenvolve por meio da sua língua materna<sup>6</sup>, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Estando esse aluno inserido em uma escola inclusiva, é necessário que haja disponibilidade de um intérprete em sala de aula para auxiliar a comunicação entre aprendiz e professor.

---

<sup>6</sup> Língua materna é a língua que indivíduo adquire através da interação com os familiares e o contexto social em que vive. Além disso, o sujeito adquire o que os autores chamam de “cultura de linguagem característica de seu meio social.” (BAGNO e RANGEL, 2005, p. 2).



Referente à aquisição da língua inglesa, sabemos que para o aluno surdo se apresenta como terceira língua (L3), já que a LIBRAS é sua língua materna (L1) e o português sua segunda língua (L2). O aluno surdo, nesse caso, diferentemente dos alunos ouvintes, conta com dois mediadores entre ele e o conhecimento que está sendo repassado: o professor e o intérprete. A partir dessa reflexão, motivou-nos observar se o tratamento dispensado aos alunos surdos pelo professor é igual dado aos alunos ouvintes. De acordo com Delors *apud* Fossi (2010, p. 40),

no que se refere à sua formação pessoal, o professor deve aperfeiçoar seus conhecimentos, devendo haver equilíbrio qualitativo entre a competência para a disciplina ensinada e a competência pedagógica. Deve também ter ética intelectual e afetiva, criar uma concepção de pedagogia questionadora, ser adepto a investigação de pesquisas científicas e de uso de tecnologias, participando das decisões relacionadas com a educação, no âmbito escolar e no momento de decisões amplas de diretrizes maiores.

Dito de outro modo, não basta que o professor domine o conteúdo ministrado em sala de aula. É necessário que haja uma habilidade pedagógica que o possibilite atuar de maneira atualizada diante das necessidades dos alunos.

Bueno (1999) também afirma a necessidade da frequente especialização do professor inserido na escola inclusiva. Para ele, o professor deve buscar ampliar seus conhecimentos de acordo com as necessidades educacionais apresentadas em sala de aula. Diante disso, surge um questionamento: Como o professor de inglês conduz o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo?

Visando responder a tal questionamento, essa investigação tem como objetivo o de verificar a conduta profissional do professor de Língua Inglesa no processo de ensino aprendizagem para com alunos surdos, no que diz respeito à integração deles na aprendizagem dessa disciplina.

## **METODOLOGIA**



Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa de TCC foram distribuídos, em fases, da seguinte maneira: Caracterização da Pesquisa, Participante da Pesquisa, Instrumento, Análise dos Dados, Avaliação dos Resultados.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Yin (2001, p. 18) “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. A pesquisa foi realizada na Escola Lyceu Paraibano, no período de 03/11/2014 a 08/12/2014.

A pesquisa teve como participante principal uma Professora de Inglês do 1º ano do ensino médio, da referida Escola. Utilizamos a técnica de observação sistemática e a de entrevista semiestruturada. Para a técnica de observação, o instrumento foi um diário de campo, onde registramos o comportamento da participante do estudo durante todo o período de coleta de dados, perfazendo um total de dez aulas por ela ministradas. A técnica de observação nos permitiu a observação do contexto natural de interação, ou seja, a sala de aula, para apreender de forma mais verídica as situações apresentadas no ambiente de ensino-aprendizagem.

Apresentaremos, assim, um estudo de caso único, com foco em uma turma de ensino médio da citada escola. Para a entrevista, utilizamos como instrumento um roteiro de questões, contendo seis perguntas, sendo cinco subjetivas e uma objetiva. As perguntas enfocam informações referentes à conduta da professora relacionada ao ensino de inglês a alunos surdos e suas reflexões acerca de temas que envolvessem essa modalidade de ensino, tais como: escola inclusiva e o seu interesse em aprender LIBRAS. A realização da entrevista (gravada com o auxílio do aparelho mp3) ocorreu no último dia da aplicação da técnica de observação no local do estudo, 08/12/2014.

Os dados empíricos coletados da observação sistemática e da entrevista foram analisados à luz do referencial teórico adotado e na literatura pertinente ao tema. Os resultados encontrados contribuíram para responder ao questionamento proposto e nos permitiu verificar a conduta profissional adotada pela professora de inglês e seu procedimento diante dos alunos surdos, durante o processo ensino aprendizagem da língua inglesa.



## REFERENCIAL TEÓRICO

### 2 A LÍNGUA DE SINAIS NO CONTEXTO INCLUSIVO

#### 2.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM

A linguagem é uma faculdade inerente ao homem. Num sentido amplo, podemos dizer que é a capacidade de se expressar, de se comunicar e se constituir como sujeito, um ser social. Social porque é uma atividade que ocorre com o indivíduo em contato com a sociedade. E essa linguagem pode ser falada, escrita, ou simplesmente representada por uma pintura, uma escultura, uma dança ou nota musical, o que nos leva a pensar em linguagens (formas de expressão cultural) e não apenas em linguagem (capacidade de se expressar).

“A linguagem é uma habilidade natural de comunicação de todos os seres humanos. Apresenta-se de forma livre e pode se dar por meio de gestos, sons, imagens, símbolos, cores, palavras etc.” (CARMOZINE e NORONHA, 2012, p. 39) seja ela verbal, através do uso de palavras ou na forma escrita como não verbal em gestos, imagens, símbolos.

Assim, temos a linguagem como uma mediadora entre o homem e o mundo. E a palavra-chave para essa mediação é a interação. Através da interação, o homem consegue refletir e interferir na realidade, seja através de ações linguísticas ou não. Para isso, ele está necessariamente inserido em um contexto social (familiar, escolar, de trabalho e etc.) e deve seguir as convenções de cada situação. Podemos classificar essas convenções de arbitrárias, já que um indivíduo não tem o poder de mudá-las à sua vontade, mas depende de um acordo feito por uma coletividade. Partindo deste conceito de arbitrário, chegamos à noção de língua.

Vygotsky (1989) foi um dos primeiros estudiosos sobre a faculdade da linguagem que dissertou a respeito da língua de sinais. Para ele, a diminuição dos problemas relacionados à educação dos surdos tem suas causas no aspecto sócio



cultural. Assim, o desenvolvimento psicológico do aluno surdo se daria através da inserção dele no âmbito escolar regular, isto é, no meio social, uma vez que é nesse processo de relação com o outro que ocorre a comunicação e o enriquecimento intelectual do falante.

## **O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO INGLÊS PARA OS ALUNOS SURDOS**

O ensino de línguas estrangeiras aplica-se socialmente por favorecer o diálogo sócio- cultural e introduz um conteúdo de grande importância no desenvolvimento de comunicabilidade entre povos e nações diferentes. De acordo com os PCN<sup>7</sup> de Língua Estrangeira

a aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s). (BRASIL, 1998, p. 37)

Ou seja, a facilidade de comunicação e a inserção cada vez maior em diferentes contextos, faz com que as pessoas tenham contato com uma nova realidade de linguagem, que difere da sua língua materna, abrindo a possibilidade de trocas de experiências culturais. Ao passo que a língua estrangeira é introduzida no âmbito escolar, o próximo movimento é a inclusão dos alunos com necessidades especiais; neste caso, do aluno surdo, a escola surge como meio facilitador de conhecimento e deve conceder métodos de aprendizagem e de aquisição de uma nova língua. Isso ocorre

---

<sup>7</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais, estruturado em Brasília em 1998, com a função de ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade e dê origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro.



com a disponibilidade de professores qualificados, de preferência com habilidade em educação especial e inclusiva, intérprete fluente em Língua Brasileira de Sinais com instrução em língua inglesa, sendo este um intermediário de ensino para o aluno surdo.

Quanto ao processo intelectual, o aluno surdo tem tanta capacidade de aprender uma nova língua estrangeira quanto o aluno ouvinte, uma vez que “trazem como contribuição que a língua de sinais utiliza as áreas clássicas de processamento de linguagem associadas com a linguagem falada. Isso significa dizer que, quanto à capacidade cognitiva, os surdos têm tanta condição de adquirir uma língua quanto aos ouvintes.” (MORAES e CAVALCANTI, s/d, p. 5).

Recorrendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira (BRASIL, 1998) estes afirmam que

uma Língua Estrangeira e neste momento histórico particularmente o inglês, dá acesso à ciência e à tecnologia modernas, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros modos de se conceber a vida humana. Uma primeira tentativa de aproximá-los (ao uso da língua inglesa) é fazer com que se conscientizem da grande quantidade de línguas que os rodeia, em forma de publicações comerciais, de pôsteres, nas vitrinas das lojas, em canções, no cinema, em todo lugar. (...) O conhecimento de Língua Estrangeira é crucial para se poder participar ativamente dessa sociedade em que, tudo indica, a informatização passará a ter um papel cada vez maior. (BRASIL, 1998, p. 65; 87).

O acesso à aquisição de uma língua estrangeira proporciona ao aprendiz recursos favoráveis ao sistema interacional com o mundo. Ampliando a visão cultural, política, social e capacitando a relação com outros países, estar em contato com a LE é vivenciar a proximidade de um conteúdo exterior na prática diária. Vale ressaltar que o ensino-aprendizagem da língua inglesa favorece oportunidades no mercado de trabalho, facilita o ingresso ao mundo acadêmico, abre as portas para a tecnologia, cada vez mais dinâmica e exigente quanto às capacidades intelectuais das pessoas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Todo o conteúdo apresentado nesse trabalho visa a demonstrar os resultados das observações das aulas e do depoimento oriundo da entrevista, feitos à participante desta



pesquisa, uma professora de Inglês da Escola Lyceu Paraibano, visando investigar a conduta profissional adotada pela referida participante, durante o processo ensino aprendizagem da língua inglesa para alunos surdos, estando estes inclusos em uma sala de aula de ouvintes, trabalhando, assim, a inclusão.

A análise observacional das aulas contribuiu para o exame da prática educacional na aprendizagem da língua inglesa para os alunos surdos. Com isso, o destaque principal de estudo foi a conduta profissional da professora em sala de aula, diante do aluno surdo.

Quando questionada sobre a escola inclusiva, a professora relata: “Minha visão sobre a escola inclusiva é de uma inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolares regulares, com profissionais especializados para atendê-los em suas necessidades específicas, equipe pedagógica de prontidão para recebê-los e disponibilizar a melhor estrutura física, psíquica, e social.”

A partir dessa resposta, percebemos que a professora tem consciência de como a escola inclusiva deve ser e do que deve oferecer aos alunos com necessidades especiais. Ela menciona a necessidade de haver profissionais especializados para atender os alunos de forma adequada. Ou seja, ela se inclui nesse perfil de profissional, uma vez que faz parte desse universo.

Segundo Ribeiro e Baumel (2003, p.25) “alunos com necessidades especiais no contexto cotidiano da sala de aula obrigará o professor a adaptações e ajustamentos.” Ou seja, é fundamental que o professor esteja adaptando suas técnicas de aplicação de aula de acordo com as necessidades e dificuldades apresentadas pelos alunos. Esta seria uma postura natural a ser adotada pelo professor que se depara com esta situação em sala de aula. Entretanto, dados do diário de campo mostraram a seguinte conduta da professora: Como tarefa de casa, a professora pediu aos alunos para realizarem uma redação sobre a cidade de João Pessoa, em inglês; ao mesmo tempo, solicitou que, ao lado, viesse a tradução em português. A redação deveria conter elementos como: os pontos turísticos de que mais gostavam, as praias que se destacavam e algo que mais chamasse a atenção cultural. A aula seguinte para a entrega da referida tarefa foi iniciada com a exposição das redações dos alunos, mas o que nos chamou a atenção foi que a maioria dos alunos ouvintes leu suas redações, contribuindo para as aulas. No



entanto, observamos que a professora não olhava para as alunas surdas, que também tinham feito à redação. Essas alunas ficaram interagindo entre si e com a intérprete, sem interação com os demais alunos da sala. Esse momento da observação foi relevante, visto que a conduta profissional demonstrada pela professora vai de encontro com os princípios estabelecidos pela Declaração de Salamanca, no tocante à escola inclusiva:

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, usam de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola. (UNESCO, 1994, p.5)

Ao ser interrogada sobre a aprendizagem dos alunos surdos em relação a dos alunos ouvintes, a professora diz: “Observo que, nas minhas aulas, a comunicação das alunas surdas em sala de aula se dá diretamente com o intérprete. E muitas vezes em minhas experiências de turma com ouvintes e surdos, os alunos ouvintes dão mais trabalho para se concentrar na aula. As notas das provas das alunas surdas são muito boas, neste ano fecharam com a média 8,7. Eu vejo que para nós, professores, é um desafio maior o ingresso de alunos especiais. Porém, cabe a cada um de nós, educadores, nos especializarmos para atendê-los da melhor forma possível, e não deixando apenas nas mãos e o no trabalho do intérprete.”

Nesse relato, a participante afirma que a comunicação dos alunos surdos ocorre com o intérprete, colocando-se ausente nesse processo interativo, que a concentração nas aulas dos alunos surdos é superior à dos ouvintes, que o aproveitamento escolar dos alunos surdos é acima da média, e reconhece ser um desafio o ensino de alunos especiais e a necessidade de se qualificar para melhor atender a esse alunado.

Quando perguntamos sobre o seu interesse em aprender a LIBRAS, a participante assim se expressou: “No ano de 2012, o ingresso de alunos surdos em nossa escola foi se intensificando. Com isso, a vontade de me comunicar diretamente com eles



despertou meu interesse para aprender a língua brasileira de sinais. Busquei a FUNAD para aprender a Libras, porém, não segui em frente.”

Com base nesse relato, constatamos a dificuldade da professora em dar continuidade ao seu processo de aperfeiçoamento na LIBRAS. Pressupomos que o fato de a participante não poder se comunicar diretamente com as alunas surdas através da língua materna dessas, tenha criado uma barreira que não permite uma comunicação mais estreita entre professora e alunas.

Assim, conforme Fossi (2010, p.39), “é preciso que o professor tenha competência para desenvolver os conteúdos e tomar as decisões adequadas a cada aluno. É preciso que este lance mão de vários recursos cognitivos complementares.”

Na pergunta final do roteiro de entrevista, a professora mencionou: “Eu admiro a escola que trabalho, por atender, da maneira que estamos podendo, os alunos surdos.” Nessa fala, a professora admite que o atendimento aos alunos surdos tem o limite de suas possibilidades, ou seja, que a maneira de atendê-los é a melhor possível.

A partir disso, entendemos que a comunidade escolar deve ajustar-se para receber os alunos com necessidades especiais. Como podemos notar, faz-se necessário não apenas uma boa participação e condições estruturais da escola, mas também de todas as pessoas que constituem a sociedade que envolve esses alunos, como a família, por exemplo.

Assim, os resultados mostraram também que as condições oferecidas pela escola analisada ainda não está conforme o que foi estabelecido pela Declaração de Salamanca. É crucial que a sociedade como um todo se engaje nessa proposta de inclusão para que haja efetivamente igualdade no tratamento dos alunos no âmbito escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos, no decorrer deste trabalho, observar e analisar a conduta profissional do professor de inglês em sala de aula com o aluno surdo. A partir das elucidações sobre a escola inclusiva e das leis que a regulamentam como, por exemplo, a Declaração de Salamanca e LDB podemos buscar uma maneira de avaliar o padrão que essas escolas devem seguir.



A escola onde desenvolvemos a pesquisa, sendo uma das duas únicas escolas inclusivas para os alunos surdos da cidade de João Pessoa, nos possibilitou avaliar a realidade vivida pelo aluno surdo em sala de aula.

Com base nas informações registradas no diário de campo e na entrevista feita com a professora, pudemos perceber os contrastes do que foi observado em sala de aula e a postura da professora, através das questões respondidas na entrevista. Ficou claro um certo distanciamento entre a professora e as alunas surdas, pelo fato de elas não se comunicarem diretamente por meio da LIBRAS.

Consideramos que os resultados dessa pesquisa foram positivos, uma vez que nos possibilitou ter uma visão da situação do professor de inglês que está inserido em uma escola considerada inclusiva, concluímos que a professora ainda não está preparada para lidar com as especificidades apresentadas pelos alunos surdos. Conforme observamos, a professora não lida diretamente com as alunas surdas, toda a comunicação é realizada exclusivamente pela intérprete.

Esperamos que os resultados dessa pesquisa contribuam para uma visão atual da escola inclusiva e que sirva para os alunos de Licenciatura do Curso de Inglês, para que busquem se especializar a fim de atender melhor a essas mudanças que vêm ocorrendo gradativamente no sistema de ensino educacional brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M.; RANGEL, E. de O. *Tarefas da educação linguística no Brasil*. In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, volume 5, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/04.pdf>> Acesso em: 02/12/2014.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 12/12/2014.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn\\_estrangeira.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf)> Acesso em: 30/11/2014.

BUENO, J. G. *Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas*. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 3, n. 5, p. 7-25, 1999.



CARMOZINE, M. M.; NORONHA, S. C. C. *Surdez e LIBRAS: conhecimento em suas mãos*. São Paulo: Hub Editorial, 2012.

FOSSI, G. de C. G. *Necessidades educativas especiais e a inclusão escolar*. 2010. Monografia. Faculdade Capivari. Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Giovana-de-Cassia-Goncalves-Fossi.pdf>> Acesso em: 18/11/2014.

MORAES, A. H. C. de; CAVALCANTI, W. M. A. *Uma experiência de ensino de inglês para surdos: novas possibilidades de aquisição de fluência*. Disponível em: <[http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/39-comunic\\_antonio.pdf](http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/39-comunic_antonio.pdf)> Acesso em: 17/12/2014.

PERINI, M. A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. *ReVEL*. Vol. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_14\\_entrevista\\_perini.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_perini.pdf)> Acesso em: 18/12/2019.

RIBEIRO, M. L. S.; BAUMEL, R. C. R. de C. *Educação especial do querer ao fazer*. São Paulo: Avercamp, 2003.

SETEMBRO AZUL. Disponível em: <<http://www.redecidada.org.br/setembro-azul-por-uma-escola-bilingue-para-surdos/>> Acesso em: 10/11/2019.

SILVA, C. M. de O. *O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês): um desafio para professores e alunos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

VYGOTSKY, L. S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In : COLE, M. et. al. (Orgs.). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.